

NO BRASIL, O FILME DE AÇÃO PRECISA SER “CABEÇA” PARA FAZER SUCESSO

CINEMA DE GÊNERO

Em todo o mundo o filme de ação é, geralmente, um filme de alto custo e que exige grande sucesso de bilheteria. É quase um filme-evento. Se quisermos aumentar a ocupação de nosso mercado temos que aprender a produzir os mais diversos gêneros, e os filmes de ação têm desta que nesse contexto. Porém, os altos custos dificultam a produção em série desse tipo de filme e, conseqüentemente, a sedimentação desse gênero no cinema brasileiro.

No entanto, nos últimos anos, tivemos alguns casos emblemáticos que começam a apontar caminhos para essa sedimentação. Desde *Cidade de Deus* até *Tropa de elite*, alguns dos maiores sucessos estão em diálogo com o gênero ação. Outros filmes como *Dois coelhos* e *Assalto ao Banco Central* podem ser citados. E, ao contrário do que poderia parecer, os filmes de maior sucesso são os que trabalham no limite do gênero, dialogando com o *thriller* político ou com o drama social.

Historicamente os filmes de ação nacionais fazem sucesso quando tocam em temas sociais, abordam questões relevantes para a sociedade e levam para a tela choques de ideologias. Esses filmes catalisam debates públicos, aumentando seu sucesso e repercussão. Por incrível que pareça, o filme de ação precisa ser “cabeça” para fazer sucesso no Brasil.

Cidade de Deus foi um divisor de águas no cinema nacional, rompeu nas telas mostrando uma capacidade nunca vista de se fazer grandes cenas de ação dentro de uma temática social. Para o público, é um filme de ação, mas obviamente, foi muito mais que isso. Ele dialogou com um momento histórico vivido pela retomada do cinema e mostrou que podíamos alçar voos maiores, nos apoderando de um gênero que até então só fazia sucesso vindo de fora. Sua estética misturava o realismo do Cinema Novo com a arte pop, e essa estética influenciou – de forma nem sempre compreendida – todos os filmes de ação que vieram posteriormente.

O sucesso de *Cidade de Deus* juntou pobreza, violência, estética pós-moderna e entretenimento em um filme que causa prazer aos olhos. Essa fórmula foi um dos grandes motivos para os críticos o atacarem na época. Visto pelos olhos de hoje, foi um marco histórico. A mistura entre estética pop e realismo social foi quase um manifesto tropicalista para o cinema brasileiro. O uso de recursos visuais do cinema americano em meio a um filme “social” nacional foi, para o cinema brasileiro, o equivalente aos músicos tropicalistas tocando guitarra elétrica em músicas revolucionárias. A “cosmética da fome” existe mas pode ser um elogio, não uma crítica.

A EQUAÇÃO

No entanto, o caminho de *Cidade de Deus* não teve tanta continuidade. Anos depois de sua estreia houve poucas obras de relevância no período. *Tropa de elite 2* é o caso mais bem-sucedido. Atingiu mais de 11 milhões de espectadores e se tornou a maior bilheteria da história do cinema no Brasil. *Tropa de elite* é um filme de ação mas, antes de tudo, revela um universo nunca visto: a ação do BOPE nos morros. Uma das grandes qualidades do filme foi apostar na dramaturgia e criar um anti-herói criado por uma sociedade que usa dele mas, depois, vira o rosto para suas ações. Capitão Nascimento retratou o conflito entre público e privado, a impossibilidade de ser o "herói que comanda o BOPE" e a sua vida cotidiana.

Tropa de elite 2 conseguiu fazer o sucesso que *Cidade de Deus* não conseguiu com seu *spin-off*, *Cidade dos homens*. Este pecou ao focar apenas na psicologia dos personagens e minimizar o entorno. Sem o contexto social (que estava presente na série, mas foi minimizado no longa), os personagens vivem dramas abstratos em ambiente realista. Apesar do teor da imagem realista, a falta de relação dramática entre o contexto social e o drama individual torna a imagem de fundo apenas uma favela cenográfica realista, onde se desenrolam conflitos que poderiam acontecer em qualquer outro ambiente. Guardada as proporções, é o mesmo que ocorreu com a série *Rambo*. O primeiro filme foi interessante e retratou o herói de guerra que volta para sua cidade e enfrenta a discriminação da sociedade que ele defendeu. As continuações deixaram o tema central de lado e viraram apenas um espetáculo de tiros e mortes. Sem contexto social e político, o filme de ação vira apenas um elogio à violência e isso sequer atrai o público.

Tropa de elite 2 não caiu nesse erro. O Capitão Nascimento, tal como Jack Bauer, herói da série *24 horas*, vive seu drama sempre em confronto com o contexto político. No primeiro filme ele foi o herói que agia na frente de batalha. Na continuação, agia num ambiente dominado pelas milícias policiais. Ele foi da polícia para a política. Capitão Nascimento entendeu que a ação física não resolve tudo e começou a atuar politicamente. O filme reflete isso reduzindo as cenas de ação e se transformando quase em um *thriller* político. O sucesso foi imenso, mostrando que o público está sedento por um cinema que o ajude a entender o país.

Segurança nacional foi por outro caminho. O filme teve apoio das forças armadas, da ABIN – Agência Brasileira de Inteligência e do Ministério da Defesa. O enredo retratou uma temática importante: a defesa do espaço aéreo na Amazônia e a lei do abate. Essa lei foi instaurada seis anos antes do lançamento do filme e permite abater uma aeronave considerada hostil sob ordens presidenciais.

Esse caminho de fazer filmes apoiados pelas forças armadas é muito trilhado nos EUA, basta ver filmes como *Top gun* e *Caçada ao Outubro Vermelho*. Filmes que defendem ideias e fazem



propaganda também foram comuns desde Eisenstein até as obras stalinistas. E isso é ótimo. Podemos e devemos fazer mais isso e superar o preconceito com as forças armadas e com o filme de propaganda. É claro que o filme pode ficar monológico, como toda propaganda. Mas, e daí? Já superamos há tempos a ideia de que os militares são vilões. Ou, se ainda não superamos, é hora de superar e entender que as forças armadas são fundamentais para o Estado democrático. Além disso, não tem nada demais um filme ter compromisso com uma ideia e defendê-la. Uma definição possível para a obra de arte é ela ser aberta, dialógica. No entanto, nem todo filme precisa ser obra de arte e ser dialógico. Seria ótimo para a sociedade ter filmes ficcionais criados para ser propaganda de ideias. O cinema de ação pode preencher esse mercado e ajudar a divulgar valores.

Nesse sentido, *Segurança nacional* foi genial. Foi o primeiro filme a viabilizar esse modelo de financiamento que poderia realmente sustentar uma série de filmes de ação. Mas, infelizmente, o filme foi um festival de equívocos estéticos. O fato é que mesmo um filme que tem por objetivo ser propaganda precisa aprender a ser mais sutil. O enredo e os personagens têm que ser mais importantes do que os discursos. O debate tem que ser realizado com coragem e com espaço para os dois lados, para apenas no final concluir o lado que o cineasta defende. Se não for assim o filme pode virar um institucional didático. O roteiro de *Segurança nacional* optou por criar um cenário catastrófico, um universo irreal onde o Brasil seria refém de terroristas. A propaganda foi com muita sede ao pote e ficou explícita, e isso é rejeitado pelo público. O filme incorporou de forma excessiva elementos como discursos do presidente, Hino Nacional, exposição da bandeira. Tudo colocado sem sutileza gerou propaganda negativa. Além de tudo, o filme cometeu o erro de produzir cenas de ação, explosões e perseguições inferiores às de telenovelas. O conjunto de todos esses fatores fez com que o filme levasse pouco mais de 30 mil espectadores aos cinemas.

Um exemplo da necessidade de diálogo com os temas atuais é o filme *Assalto ao Banco Central*. Lançado em 2011 e baseado em fatos que ocorreram seis anos antes, retrata o maior assalto a banco da história do Brasil. Apesar dos defeitos serem mais explícitos que suas qualidades, o filme teve uma grande distribuidora e conseguiu levar para o cinema quase 2 milhões de espectadores. Teve o mérito de seguir as regras do gênero e o demérito de não ter nada além das regras do gênero. Personagens e conflitos parecem saídos de seriados enlatados americanos dos anos 1980. Nada de novo é revelado. Apesar de citar que alguns personagens estão ali para dar melhor sustento à família, nenhum dos assaltantes tem seu drama pessoal realmente construído. Os conflitos internos dos personagens não são mostrados, apenas verbalizados, distanciando o espectador. O sucesso do filme em público absoluto pode não significar o sucesso relativo, já que o lançamento foi enorme e o êxito foi pequeno se comparado a outros lançamentos equivalentes. Como grande contraponto estético, podemos citar o filme *Assalto ao trem pagador*, de 1962. Esse filme parte também de um assalto de época mas leva o espectador à reflexão. Também um drama social de ação, acompanha os dilemas sociais dos assaltantes como catalisadores do assalto. O filme mostra ainda como o dinheiro do roubo não se transformou na solução para todos os seus problemas. Ou seja, o filme realmente trabalha com o contexto social e político e, por isso, fascinou o público.



Besouro investiu no importante filão das artes marciais e atingiu quase 500 mil espectadores. Trata de um tema histórico fundamental e pouco explorado: a luta de um capoeirista contra a cultura escravocrata. O filme tem belas cenas de ação e apresenta um herói carismático com características tipicamente brasileiras, mas peca no enredo. Ou, para ser preciso, na quase total ausência de enredo. O filme praticamente não tem curva dramática e mais uma vez retira o contexto social, reduzindo a luta de *Besouro* a uma vingança pessoal. É claro que se o diretor conseguisse inovar na imagem e criar um *Kill Bill* de vingança isso poderia ser interessante. Mas está longe disso. Sem inovação na estética da luta (capoeira filmada como Kung Fu) e sem roteiro que apresente questões dramáticas, *Besouro* se tornou esquecível. Não provocou debate, nem mobilizou o público.

O ciclo de ação parece estar chegando a um impasse. Por um lado, alguns grandes sucessos sinalizam o potencial. Por outro, a produção industrial não se consolidou e o modelo de financiamento brasileiro favorece filmes médios.

Já *Dois coelhos* tomou um caminho mais interessante e conseguiu conciliar arte pop com debate político. O filme usa de inovações estéticas de direção inspiradas em filmes pop *cult* como *Jogos, trapaças e dois canos fumegantes* e traz um roteiro bem elaborado e com bastante reviravoltas. A estética pop incorpora elementos da publicidade, videogame e *reality shows* para criar um *thriller* que funciona muito bem. As cenas de ação são ótimas e incorporam algo que não existe nos outros filmes citados: um humor irônico meio pós-moderno e tarantinesco. Dessa forma o filme consegue agradar o espectador, em especial o público jovem.

Dois coelhos é um ótimo exemplo de filme bem-sucedido dentro de sua proposta de orçamento médio voltado para um público segmentado. Tomado como exemplo, aponta outro fator que ajuda a compreender a escassez dos filmes do gênero, que é a quase incapacidade de se fazer e pensar em filmes médios voltados para um público específico, esses que são um dos alicerces da indústria do gênero. O problema é que ou o filme deve ser um *blockbuster* ou não deve ir para as telas.

O ciclo de ação parece estar chegando a um impasse. Por um lado, alguns grandes sucessos sinalizam o potencial. Por outro, a produção industrial não se consolidou e o modelo de financiamento brasileiro favorece filmes médios. A comédia é de menor risco e todos querem fazer comédia.





IQUE ESTEVES

De cima para baixo:

Assalto ao trem pagador,

Assalto ao Banco Central

e Dois coelhos

O alto custo aumenta o risco e dificulta a produção. Tem certa lógica. Filme de ação de baixo custo está mais em diálogo com a estética *trash* ou a paródia. Isso pode resultar em ótimos filmes, mas não é exatamente o que o público considera um filme de ação. Podemos, no entanto, pensar em modelos de financiamento e distribuição específicos para esse gênero. Além disso, temos que considerar quais estéticas permitiriam fazer filmes de ação de sucesso com custo mais reduzido e que agrade ao público brasileiro.

O exemplo das séries americanas de ação pode apontar um caminho. Em comparação com o cinema, as séries têm orçamentos menores e tiveram que apostar numa fórmula que fugisse das espetaculares cenas de ação do cinema. Elas não podiam reproduzir uma explosão ou uma perseguição de carro com a qualidade que os *blockbusters* levam para a tela grande.

As séries se reinventaram e apostaram num desenvolvimento dramático maior e em uma capacidade de discutir temas atuais da sociedade quando ainda estão quentes. O maior exemplo disso é a série *24 horas*, inovadora no formato e no diálogo com os acontecimentos da época de sua produção. Lançada após os atentados de 11 de setembro, foi um sucesso imediato. Em todas as suas temporadas a dramaturgia da série dialogava e incorporava a mudança política interna e externa dos Estados Unidos. Nas primeiras temporadas Jack Bauer tinha liberdade para agir como bem entendesse. Mas, ao final, se tornou inconveniente para o governo que queria mudar sua imagem, até ser levado a julgamento pelo Senado americano.

Homeland é outra série exemplar. Tal como *24 horas*, trata da política de segurança nacional, mas a ambiguidade existe desde o início. A personagem principal suspeita que um herói de guerra é um terrorista infiltrado, e o público fica sem saber se ela está paranóica ou se tem razão. A notável manipulação do ponto de vista narrativo constrói um painel que deixa o público perdido e interessado em desvendar o mistério da trama.

Curiosamente, no Brasil as condições de produção se invertem. Comparativamente a televisão é que detém a estrutura necessária para fazer quaisquer cenas bem feitas, inclusive de ação.

Há uma constatação de que existe um grande público ávido por filmes de ação nacionais, mas que o mercado não supre as demandas de produção. Sempre que um filme de ação, seja ele de médio ou grande orçamento, trata de temas sociais e consegue aliar isso a uma inovação estética ou dramática a plateia consome, debate e repercute. Esse é o caminho para o gênero conquistar o nosso público. ■

Newton Cannito é roteirista e diretor. Escreveu *Broder* e a série *9mm*. Dirigiu *Jesus no mundo maravilhosa* e prepara seu primeiro longa-metragem de ficção, *Magal e os Formigas*.

Marcos Takeda é pesquisador, roteirista, criador e consultor de projetos pela FICs - Fábrica de Ideias Cinemáticas. Foi coordenador de pesquisa para o SonharTV e roteirista do documentário *Saúde S.A.*